

# ENTRE AS TRADIÇÕES E O RESSIGNIFICAR: A ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE EM BUSCA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA<sup>1</sup>

Joilson de Jesus Gomes da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

A proposta deste artigo é realizar uma pesquisa a respeito da relevância da obra de Paulina Chiziane, primeira escritora a publicar um romance em Moçambique. A autora possui como um dos principais temas de escrita a condição da mulher na sociedade moçambicana. Por isso, é salutar compreender a importância e o papel exercido por Chiziane dentro de um cenário predominantemente masculino, legitimado por características patriarcais e resquícios do período colonial presentes em Moçambique. Caracterizando-se como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, estudaremos aspectos da vida pessoal e o processo de formação de Paulina enquanto escritora, através de análises de produções literárias e científicas. Neste contexto, buscou-se evidenciar a exaltação feminina através das protagonistas de suas obras literárias. Por outro lado, sem esquecer de demonstrar a história de Moçambique contada sob a percepção de mulher que sofre diante das injustiças locais. Sendo assim, com grande cunho contestatório, a autora é uma porta-voz em favor do desenvolvimento feminino e a ocupação de espaço historicamente negado as mulheres.

**Palavras-chave:** Chiziane, Paulina, 1955- - Crítica e interpretação. Literatura moçambicana. Mulheres - Condições sociais.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to research the relevance of the work of Paulina Chiziane, the first writer to publish a novel in Mozambique. The author has as one of the main themes of her writing the condition of women in Mozambican society. Therefore, it is salutary to understand the importance and the role played by Chiziane within a predominantly male scenario, legitimized by patriarchal characteristics and remnants of the colonial period present in Mozambique. Characterized as a bibliographical and qualitative research, we will study aspects of Paulina's personal life and formation process as a writer, through the analysis of literary and scientific productions. In this context, we seek to evidence the female exaltation through the protagonists of her literary works. On the other hand, without forgetting to demonstrate the history of Mozambique told from the perspective of women who suffer from local injustices. Thus, with a great contestatory stamp, the author is a spokesperson in favor of women's development and the occupation of space historically denied to women.

**Keywords:** Chiziane, Paulina, 1955- - Criticism and interpretation. Mozambican literature. Women - Social conditions.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gonçalves da Costa.

<sup>2</sup> Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias-FAC. Discente do curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

Assim como em outros países africanos, a oralidade possui grande importância em Moçambique. Aspectos que versam sobre cultura, religião, artes, organização social, entre outros, são repassados pelas gerações através de processos de iniciação, de rituais que prevalecem a oralidade, cujo objetivo é preservar os conhecimentos locais, contribuindo para a construção histórica e territorial, bem como a constituição do país enquanto nação. Segundo Ana Mafalda Leite (1998, p.17), “A predominância da oralidade em África é resultante de condições materiais e históricas. (...)”

O ingresso da cultura escrita no território moçambicano aconteceu com a chegada dos portugueses, sobretudo através das Companhias de Jesus, no final do século XV e a consequente implementação do sistema colonial a partir do século XVI. Inicialmente, Moçambique serviu como entreposto comercial e ponto de apoio para navios com destino ao oriente. Os traços mais severos do colonialismo só emergiram no final do século XIX, com a conferência de Berlim e a derrota das forças da resistência moçambicana e efetivação da dominação portuguesa em seguida.

A inserção do sistema colonial se caracterizou como o marco temporal e a gênese da submissão de Moçambique à Portugal e aos seus interesses de caráter escusos, com um grande viés econômico, modificando toda a estrutura social e cultural, impondo padrões europeus ao país africano, trazendo deformações que ainda refletem na atualidade.

Segundo Edcarlo bomfim em *O colonialismo português em Moçambique segundo Eduardo Mondlane*:

Esse processo tornou todas as sociedades autóctones subordinadas aos interesses externos, alterando profundamente as suas estruturas sociais. Mesmo onde chefes africanos foram mantidos em posto de comando administrativos, o seu poder era limitado e hierarquicamente inferior a algum administrador branco, dessa maneira, esses chefes foram transformados em representantes do poder colonial em suas comunidades. (BOMFIM, 2018, p.8)

Nesse contexto e diante do letramento advindo através da cultura colonial, a literatura produzida em Moçambique é recente, com as primeiras obras surgindo apenas na

primeira metade do século XX, possuindo como característica marcante a reprodução de modelos externos de origem europeia, introduzidos em seu território pela ação dos colonizadores portugueses, não refletindo a realidade e a representatividade da cultura local, que descaracterizada e marginalizada foi relegada a segundo plano.

Somente em meados do século de XX, podemos falar de uma literatura voltada para a realidade moçambicana, a partir da luta pela independência e busca pela retomada da soberania do país. Sendo assim, a literatura se tornou um mecanismo de denúncia das mazelas e da condição social de Moçambique em prol da conquista da tão sonhada libertação do domínio português.

No entanto, o amadurecimento da literatura moçambicana só aconteceu na década de 80, com o surgimento de diversos autores e autoras, que através da sua escrita retrataram a realidade de Moçambique no pós-colonial e o surgimento do conflito civil após a independência do país, ocorrida em 25 de junho de 1975.

Entre diversos escritores e escritoras de destaque, este artigo trata sobre Paulina Chiziane, primeira escritora moçambicana a publicar um romance, *Balada de amor ao vento*, em 1990, e que através de sua escrita traz importantes pautas sociais referentes a Moçambique, principalmente ao que se refere à condição feminina em um ambiente com características patriarcais.

Paulina Chiziane, nascida em Manjacaze, possui como principal tema de escrita a condição da mulher e a posição feminina ocupada dentro do contexto da sociedade moçambicana. Vencedora do prêmio Camões no ano de 2021, a mais importante premiação da língua portuguesa, Chiziane recusa rótulos de romancista ou feminista e foca sua obra em busca da representatividade e da quebra de paradigmas tradicionais moçambicanos que relegam à mulher a condição inferior dentro da organização social do país.

O objetivo do presente artigo é compreender o papel exercido por Paulina Chiziane enquanto escritora mulher e a importância da sua obra para a elevação da literatura moçambicana em torno de pautas sensíveis e a ruptura com um sistema tradicional

em busca pela igualdade de gênero, trazendo discussões pertinentes dentro do contexto da sociedade moderna.

Inicialmente, a seção *Do nascimento ao surgimento da escritora: uma breve trajetória de Paulina Chiziane* discorre sobre a vida da autora, sua trajetória pessoal e familiar. De qual forma esses fatores foram elementares na construção da sua percepção sobre a sociedade moçambicana e despertou seu engajamento para trazer temas que contestem e discutam a estrutura social vigente. Neste sentido, realizamos uma abordagem do testemunho escrito pela autora em 1992, *Eu, mulher...Por uma nova visão do mundo*, e publicado pela UNESCO no ano de 1994.

Em seguida, utilizando como fonte de pesquisa duas obras, *Balada de amor ao vento* (1990) e *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002), a seção *O protagonismo feminino: a presença da mulher na obra de Chiziane* busca elementos que versem sobre a mulher e a visão da autora acerca da sociedade moçambicana e de qual forma se desenha a sua escrita, trazendo um panorama sobre os temas tratados por ela no que compreende o universo de personagens protagonistas femininas.

*A importância de Paulina Chiziane para a mulher no cenário literário moçambicano* traz reflexões sobre a importância de Paulina Chiziane para a literatura moçambicana, discutindo a condição atual da mulher moçambicana e se, de alguma forma, a obra da autora possibilitou mudanças na forma de pensar local, movimentando uma organização feminina em prol de lutar por uma realidade mais justa, na qual, homens e mulheres estarão equiparados e usufruirão do mesmo espaço e prestígio social.

A definição do percurso metodológico foi fundamental para o delineamento e a construção do presente trabalho, assim como, a escolha do caminho seguido para o alcance dos objetivos pré-estabelecidos. De acordo a esta premissa, ocorreu a eleição da pesquisa bibliográfica e qualitativa como principal instrumento para o estudo.

A pesquisa bibliográfica e qualitativa permite o estudo através de obras, teorias e produções científicas já existentes com o intuito de fundamentar o trabalho, interpretando-as de forma subjetiva em busca de significados e trazendo inferência a

partir da visão do autor. Sendo assim, durante o período foram realizadas pesquisas teóricas que abordam o tema proposto.

Diante disso, a pesquisa pautou-se em elementos consistentes da obra de Paulina Chiziane e de teóricos que versam sobre a sua produção literária, que retratam o papel da mulher e a situação social ocupada por ela no contexto moçambicano.

## **2 DO NASCIMENTO AO SURGIMENTO DA ESCRITORA: UMA BREVE TRAJETÓRIA DE PAULINA CHIZIANE**

Nascida em 04 de junho de 1955, na pequena vila de Manjacaze, Paulina Chiziane cresceu em Maputo, capital e maior cidade de Moçambique. Inserida em uma família de origem protestante, Paulina cresceu sob forte influência do cristianismo. Mesmo diante do domínio português exercido em Moçambique, o pai de Chiziane, que era alfaiate, possuía ideais anticolonialistas, inibindo alguns processos de assimilação<sup>3</sup>, como por exemplo ao exigir que se falassem *chope*, a língua materna, no ambiente familiar.

Chiziane chegou a Maputo aos seis anos de idade, lá aprendeu a falar o *ronga*. Iniciou os estudos em uma escola católica, na qual, aprendeu o português. Desde muito jovem engajou-se em movimentos políticos, participando da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO<sup>4</sup>). Casou-se aos 19 anos, teve dois filhos e separou-se após se deparar com as amarguras da organização social moçambicana, principalmente, no que se refere à mulher.

---

<sup>3</sup> “(...)Assimilação era o meio pelo qual o incivilizado, isto é, o nativo podia juntar-se às fileiras dos oficialmente classificados como civilizados. Os critérios para chegar à civilização eram os seguintes: falar português; ter rendimento suficiente para sustentar o candidato e sua família; ter bom caráter e posse daquelas qualidades necessárias para o exercício dos direitos privados e públicos do cidadão português; cumprir o serviço militar; e ter, pelo menos, dezoito anos de idade. Qualquer africano que satisfizesse a esses requisitos podia usufruir dos direitos severamente reservados aos portugueses. A existência de critérios de bom caráter tornava evidente que, em qualquer caso determinado, a assimilação dependia da aceitação da administração colonial. (...)” (CÁ, 2011, p.214)

<sup>4</sup> FRELIMO é um partido fundado em 25 de junho de 1962 para lutar a favor da independência moçambicana de Portugal. Seu primeiro presidente foi Eduardo Chivambo Mondlane. Até hoje é uma das principais forças políticas do país.

Após a independência, ocorrida em 25 de junho de 1975, Moçambique não teve um longo período de paz, iniciando-se em seguida uma guerra civil entre os dois maiores partidos locais: a FRELIMO e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO<sup>5</sup>) pelo controle do país.

Durante o conflito civil, Chiziane atuou na Cruz Vermelha Internacional, quando iniciou a sua trajetória como escritora e culminou na publicação do seu primeiro livro, *Baladas de Amor ao vento*. Após o fim da guerra, ela trabalhou na Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA<sup>6</sup>).

Em entrevista cedida para a repórter Juliana Gonçalves, publicada no site *Brasil de Fato*, em 21 de setembro de 2016, Chiziane diz:

Escrevi a primeira obra [*Baladas de Amor ao Vento*] debaixo de estrondos e ameaças de morte. Publiquei-a. Escrevi a segunda [*Ventos do Apocalipse*] debaixo do mesmo ambiente (...). Trabalhar numa atmosfera de morte é minha forma de resistir. Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos'. (CHIZIANE, 2016)

Juntamente com o vanguardismo, Paulina Chiziane com suas obras trouxe o protagonismo feminino, deu voz às mulheres moçambicanas, para expressarem-se enquanto cidadãs atuantes dentro de um processo de construção histórica, de resistência e de luta por equidade e igualdade em uma sociedade com características patriarcais.

De acordo à Eliane Costa, em seu artigo *Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino*:

Chiziane aproxima-se da ideia de que as identidades são constituídas por diversos planos: histórico, político, social e cultural; compreende que essas determinações não são imutáveis. Dessa maneira, busca sedimentar uma identidade feminina balisada (sic) nessas mutações, questionando firmemente as imposições do masculino e suas tradições, desconstruindo uma identidade forjada por uma sociedade marcadamente herdeira de costumes patriarcais, coloniais ou não. (COSTA, 2016, p.4)

---

<sup>5</sup> RENAMO é a segunda maior força política moçambicana, fundada após a independência do país, com o objetivo de lutar contra o comunismo. Um dos seus maiores líderes foi Afonso Dhlakama.

<sup>6</sup> Organização não governamental moçambicana sem fins lucrativos, que luta contra as desigualdades de gênero e a favor da reversão da condição da mulher perante a sociedade e da justiça social

Em seu testemunho *Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo* (1994) publicado pela Unesco, em preparação para a Conferência Internacional sobre a Mulher, Paz e Desenvolvimento, realizada em Pequim em 1995, Paulina Chiziane faz um relato sobre a sua história de vida, enquanto mulher moçambicana, suas lutas e dificuldades, ao desafiar um sistema arcaico e cristalizado, que nega o papel feminino, retratado em seus livros e presentes no cotidiano de cada cidadã daquele país.

Representando um forte desabafo que visou plantar uma semente e promover uma discussão sobre a situação da mulher em Moçambique, Chiziane inicia o texto trazendo justificativas baseadas em diversas religiões, sejam elas: cristã, bantu ou mitologias que remetem ao criacionismo, todas com um aspecto em comum, explicar a supremacia masculina de acordo a origem divina.

Os problemas da mulher surgem desde o princípio da vida, de acordo com as diversas mitologias sobre a criação do mundo. Na mitologia bantu, depois da criação do homem e da mulher, não houve maldição nem pecado original. Mas foi o homem que surgiu primeiro, ganhando, deste modo, uma posição hierarquicamente superior, que lhe permite ser governador dos destinos da mulher. Isto significa que a difícil situação a mulher foi criada por Deus e aceite pelos homens no princípio do mundo. (CHIZIANE, 2013, p.199)

O discurso discorre sobre as dificuldades impostas a mulher, a opressão e responsabilização sobre aspectos que fogem do controle humano, como desastres naturais, por exemplo. Muitas vezes, são as mulheres amaldiçoadas e castigadas por seus maridos.

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas idéias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher. (CHIZIANE, 2013, p.200)

Chiziane discorre sobre a posição da mulher na sua etnia, *Tsonga*, que desde criança é preparada para a vida matrimonial, suas responsabilidades domésticas até o casamento, geralmente muito jovem, cujo destino é ser dona de casa e ter filhos, sem perspectivas de conduzir seu próprio caminho.

Em seguida, a autora repassa toda a sua trajetória de vida, que vai desde a sua infância no campo, ouvindo as histórias da sua avó em volta da fogueira até a chegada

a Maputo, os desafios encontrados na cidade, o contato com o ensino tradicional católico, com a língua portuguesa que contribuíram para sua formação como mulher.

Assim como no seio familiar, a escola negou a Paulina, a chance de ser independente, deveria seguir as tradições e ser destinada ao casório, à submissão ao marido e ao serviço doméstico. No entanto, a curiosidade e a paixão pelas artes, inicialmente pela pintura e em seguida pelo livro, fizeram com que Chiziane se aproximasse da literatura e começasse a dar os seus primeiros passos para se tornar uma escritora. Segundo ela: “A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas” (CHIZIANE, 2013, p.202).

Chiziane continua sua história de quebra de barreiras ao enfrentar o preconceito por ser mulher escritora, a sua luta para se firmar diante de um cenário machista e sexista. O conciliar entre suas tarefas domésticas, trabalho para o sustento da família, as dificuldades para publicar os seus livros, enfim, os óbices impostos pela sociedade moçambicana a uma mulher escritora foram assim expressos:

A escrita trouxe-me uma série de conflitos na esfera familiar. Raros são os casos de mulheres que seguem a carreira artística e que possuem uma família equilibrada. Esta é a minha situação e a minha luta. Com as minhas mãos, afasto pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos. Devo dizer que não há nada de heroico na minha luta e, de resto, desfruto de todo o prazer que a escrita me proporciona. (CHIZIANE, 2013, p.204)

Por fim, traz uma reflexão sobre o seu papel enquanto precursora de um movimento que ainda não logrou sucesso, mas que busca a efetivação de uma sociedade mais justa no que se refere à mulher, que a escrita seja o retrato de um momento que ainda está por vir e que desperte em outras pessoas o sentimento de luta. Ela entende, que há muito o que se fazer, que a semente foi plantada agora, mas que no futuro trará frutos e mesmo que ela não esteja aqui para vê-los, o sentimento de dever estará cumprido (Chiziane, 2013).

### 3 O PROTAGONISMO FEMININO: A PRESENÇA DA MULHER NA OBRA DE CHIZIANE

Neste tópico, faremos uma breve leitura crítica da representatividade da mulher na obra de Paulina Chiziane. Para isso, utilizaremos dois livros da autora como base de estudo, com o intuito de retratar a visão que ela tem sobre a sociedade moçambicana, sobretudo, no que refere à posição da mulher no contexto social e a função exercida por ela dentro da organização cotidiana da cultura de Moçambique.

As obras utilizadas serão *Balada de amor ao vento*, lançado em 1990 e *Niketche — uma história de poligamia*, de 2002. Ao escolher estes livros para análise, buscamos contemplar dois momentos diferentes e duas obras singulares por sua representatividade dentro do percurso de escrita de Chiziane. O primeiro representando a obra de estreia da autora, escrita em meio a um conflito civil e abriu caminho para uma literatura em prosa moçambicana. Já o segundo representa o reconhecimento e a consolidação, vencedor do prêmio José Craveirinha em 2003, promovido pela Associação dos Escritores Moçambicanos.

Com protagonistas femininas e negras, os dois livros trazem a dura realidade vivida por uma mulher moçambicana, que através das tradições são subjugadas e marginalizadas, reflexos de uma sociedade com resquícios patriarcais. Abordaremos o enfrentamento e a forma de lidar de cada protagonista: Sarnau, de *Balada de amor ao vento* e Rami, de *Niketche — uma história de poligamia* com as situações do cotidiano.

Inicialmente, vamos falar sobre Sarnau e a conjuntura que envolve sua paixão por Mwando, grande amor de sua vida e as consequências enfrentadas por ela em busca da felicidade e a possibilidade de viver ao lado do homem, que a maioria das vezes não retribuiu e desrespeitou os sentimentos dela.

*Balada de amor ao vento* há a história Sarnau, contada por ela mesma, assumindo o papel de narrador-personagem, realizando uma viagem ao passado através de suas lembranças e trazendo um paralelo com a sua vida no tempo corrente da história. A

protagonista, que desde muito jovem foi apaixonada por Mwando, lutou para viver esse amor, muitas vezes se sujeitando aos caprichos dele e sendo abandonada mais de uma vez por seu amado. Mwando por outro lado, de vivência católica, teve toda sua formação em um colégio de padres.

A narrativa se constrói desde a infância, o despertar para o amor e tudo que esse amor proporcionou a Sarnau, a pobreza, o primeiro abandono de Mwando, grávida, a tentativa de suicídio. A protagonista que se tornou rainha, vivia um casamento polígamo e não era a preferida do seu esposo, que apesar de todos os luxos e riquezas inerentes à realeza, sentia-se muito infeliz.

A posição da mulher na concepção de *Balada de amor ao vento*, pode ser retratada no seguinte excerto, passado no casamento de Sarnau com o então príncipe dos Zúculas, Zúcula Nguila. Nesta passagem há uma fala da tia de Sarnau se referindo sobre o papel da mulher no casamento e na construção da família: “- Sarnau, o lar é um pilão e a mulher o cereal. Como o milho serás amassada, triturada, torturada, para fazer a felicidade da família. Como o milho suporta tudo, pois esse é o preço da tua honra.” (Chiziane, 1990, p.45).

Entre o retorno de Mwando, o adultério, a gravidez, a descoberta por sua rival e a fuga em busca da tentativa da felicidade. O breve momento de felicidade ao lado de seu amado e o novo abandono de Mwando, grávida mais uma vez. A passagem do tempo e toda a luta para sobreviver solteira, numa sociedade preconceituosa, criando seus filhos sozinha e o derradeiro retorno daquele que sempre amou.

A história se envolve com todos os dissabores vividos por Sarnau, desde sua infância, seu amor, o casamento infeliz, os abandonos do seu amado, a amargura pelo fato de ser uma mulher inserida numa sociedade com forte apelo patriarcal. Estes aspectos podem ser evidenciados no discurso da protagonista no retorno de Mwando após 15 anos do segundo abandono:

(...) Ter o marido por turnos dormindo aqui e ali, noite lá, outra acolá, e, quando chega o meio-dia e prova a comida da mulher de quem não gosta diz logo que não tem sal, que não tem gosto. Quando à noite a mulher reclama, diz que a cama cheira a urina de bebé, e lá se vai furtando aos seus deveres.

Com a poligamia, com a monogamia ou mesmo solitária, a vida da mulher é sempre dura.” (Chiziane, 1990, p.137)

Já *Niketché — uma história de poligamia* traz a história de Rami a partir do momento da descoberta que seu marido, Tony, tem mais quatro esposas, ela decide viajar pelo país, conhecer cada uma e entender o motivo pelo qual levou o seu cônjuge a se envolver em um relacionamento poligâmico, mesmo sem autorização e conhecimento dela.

A história decorre com as atitudes de Rami após a revelação da infidelidade de Tony, o encontro com suas rivais, o lidar com a situação, a reviravolta e o fortalecimento da personagem enquanto mulher, inserida num retrato de sociedade de subserviência e aceitação aos caprichos do marido.

Como a primeira esposa, a postura de Rami foi de oficializar o casamento poligâmico. De acordo com a tradição moçambicana, Tony fora obrigado a seguir todos os ritos que cultura local preconizava. Apesar de não aceitar a situação, Rami concordou e fez das suas rivais, aliadas, o que culminou num processo de fortalecimento e de uma luta velada contra as atitudes de Tony.

Através das ações de Rami, ela promoveu uma revolução, usando o próprio sistema patriarcal contra Tony, isso ficou bastante claro, quando o marido fugiu, após um pedido de divórcio e simulou o seu falecimento

Com o intuito de penalizar Rami com o suposto falecimento, ela foi submetida a um ritual fúnebre, na qual foi possuída por Levy, mesmo sabendo que seu esposo não estava morto, seguindo a tradição local.

No seguinte trecho, Rami faz um questionamento a respeito da condição da mulher e de sua submissão aos caprichos e privilégios direcionados aos homens em Moçambique.

(...) Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e

o pescoço. Que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza. (CHIZIANE, 2003, p. 36)

A luta contra o sistema de Rami, altamente machista moçambicano, pode ser percebida ao incentivar suas rivais a abrirem seus negócios, a casar, mostrando um verdadeiro caminho de independência, colocando Tony em segundo plano, dentro do contexto do casamento. O caso extraconjugal com Vito, nunca descoberto pelo marido, entre outros aspectos relevantes no texto, demonstraram todo o enfrentamento a uma cultura cristalizada em Moçambique, como visto na seguinte passagem.

Este é o discurso típico das mulheres da minha terra, onde o homem é rei, senhor da vida e do mundo. Um mundo onde a mulher é couro. Couro de touro macio e muito bem curtido. Um mundo onde a mulher é gémea do tambor, pois ambas soltam acordes espirituais, quando aquecidas e matraqueadas por mãos vigorosas e rústicas. (CHIZIANE, 2003, p. 55)

O que se percebe no enredo dos dois livros, é a elevação da mulher ao centro da história, com destaque as posturas adotadas por elas diante das adversidades da vida. Sarnau e Rami são mulheres fortes e com personalidades diferentes ao lidar com determinadas situações. Contudo, mais importante do que o desfecho de cada uma, é o papel exercido pelas duas trazendo voz à discussão de aspectos tradicionalmente marginalizados, tocando em pontos sensíveis através da escrita de Paulina Chiziane.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DE PAULINA CHIZIANE PARA A MULHER NO CENÁRIO LITERÁRIO MOÇAMBICANO**

A partir de agora faremos uma reflexão sobre a contribuição de Paulina Chiziane no tocante à expressão de uma literatura que além do tema ser a mulher, traz uma mulher representando todo esse movimento dentro de um universo predominantemente masculino.

Chiziane é considerada por muitos como uma romancista feminista, rótulo que a escritora refuta veemente com alguns argumentos. Na sua visão, ela se autointitula como uma contadora de história, pois os romances trazem padrões, estéticos, formais que não condizem com seu estilo de escrita. A escritora não se considera feminista, pois na sua concepção, considera-se uma “feminina”, que retrata a situação da mulher, no contexto em que ela se encontra inserida, fugindo aos paradigmas tradicionais europeus.

Nesse contexto, Chiziane exerce um papel relevante de luta por paridade, inicialmente na sociedade moçambicana, mas que transcende a realidade local, ao demonstrar situação das mulheres em sentido mais amplo.

Rosenilda Pereira Padilha e Raquel Terezinha Rodrigues, *Paulina Chiziane: presença, voz e símbolo feminino na literatura de Moçambique*, retrata a importância de Paulina Chiziane da seguinte forma:

Como voz feminina, também atuante na literatura e conhecedora das políticas de Moçambique em época mais recente - pós-independência -, trazemos Paulina Chiziane como figura feminina que pelo viés literário dá visibilidade às demais mulheres do seu país. Uma “Contadora de Histórias”, como ela mesma prefere ser chamada. Uma voz que reivindica melhorias e emancipação das políticas em torno do “ser mulher” em África/Moçambique. Alguém que merece reconhecimento em todos os cantos do mundo pela atuação como mulher, pela escritora que se tornou, pelo conhecimento que possui do seu local de origem e das causas urgentes a serem pensadas em todo o continente e pelas histórias contadas que conferem um conjunto de identidades ao povo de Moçambique. (PADILHA e RODRIGUES, 2016, p. 31)

Percebe-se que a obra de Chiziane é antes de tudo política, com apelo social em busca de quebra de uma cultura cristalizada ao longo do tempo. As inspirações e o foco de escrita refletem a história de vivência da autora, de origem do sul de Moçambique, região essencialmente patriarcal, na qual, a mulher é criada de acordo a padrões machistas.

Segundo Maria Geralda de Miranda em *A África e o feminino em Paulina Chiziane*.

A partir da leitura do conjunto da obra da escritora, percebe-se flagrantemente a sua preocupação com o feminino, de um modo geral, e com a mulher moçambicana, em particular. A escritora demonstra conhecer em profundidade as demandas político-jurídicas e sociais relacionadas às

mulheres de seu país, sem perder de vista questões histórico-culturais muito importantes, como a poligamia. Esta prática social está retratada no conjunto de sua obra. (MIRANDA, 2003, p. 62)

Chiziane entende que a história moçambicana ainda está por ser contada pela linguagem escrita, já que, tradicionalmente o conhecimento era passado em torno da fogueira pelo mais velhos de forma oral, trazendo uma nova perspectiva para o cenário moçambicano. Considerando a realidade do país, que a sociedade ainda se encontra em fase de aquisição da leitura e da escrita, e recém-saído de um processo de colonização portuguesa que impôs a cultura europeia em detrimento à local.

E tratar essa história através de uma voz feminina demonstra-se um desafio maior, pela condição da mulher negra, africana, sempre com a necessidade de provar seu valor como produtora de conhecimento. Lívia Maria Costa Sousa (2021) diz que mostrar a escrita feminina é a quebra de sentido e de paradigmas, trazer à tona a invisibilidade diante de um pensamento excludente.

De fato, Paulina Chiziane vem abrindo um caminho através do reconhecimento de sua obra. Sendo pioneira, possibilita o surgimento de novas escritoras negras, consolidando um movimento que traz o protagonismo à mulher e aborda de temas que outrora eram tratados como tabus e não eram objetos de escrita em uma literatura predominantemente de cunho branco, europeu, com marcas do colonialismo sofrido pelos países africanos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Paulina Chiziane é uma figura importantíssima e representante de um movimento que busca espaço dentro de uma sociedade que persiste em relegar às mulheres uma condição secundária.

Diante disso, o legado de Chiziane se refletirá através das próximas gerações. No momento não é possível mensurar o impacto da obra da autora e de qual forma transformará a relação social no futuro, principalmente no que se refere às desigualdades de gêneros, característica marcante em Moçambique.

O que podemos afirmar, é que como uma desbravadora de uma floresta ainda primária, Chiziane vem abrindo o caminho e rompendo com uma estrutura aparentemente intransponível, ao lidar com temas que não são objeto de escrita perante a uma literatura que possui traços egocêntricos e dentro de um contexto masculino e por muitas vezes machistas.

O reconhecimento que Paulina Chiziane possui hoje, ratificado pelo Prêmio Camões de 2021, foi conquistado a partir de esforços hercúleos que se confundem com a própria história de vida da escritora, refletida através das suas personagens que são a cultura moçambicana e como de fato ela se desenha.

Enquanto mulher, mãe, escritora que enfrenta obstáculos de uma sociedade machista, patriarcal, Chiziane tenta se consolidar e retratar a história de Moçambique, um país assolado por graves problemas sociais e instabilidades políticas promovidos primeiramente pela colonização e em seguida pela guerra civil que perdurou após a independência de Portugal.

De fato, a escrita de Paulina Chiziane trafega entre a manutenção das tradições locais, ao contar a história riquíssima de Moçambique, e a luta pela ressignificação dos costumes, trazendo reflexões femininas em busca do fortalecimento da sociedade local no que se refere aos processos identitários e a construção do sentimento de nação. Por conseguinte, podemos ratificar a papel singular e fundamental exercido por Chiziane dentro do cenário literário moçambicano ao se colocar como uma expoente de um movimento que visa ocupar espaços outrora negados à mulher.

Ao se propor a contar a realidade de Moçambique, explorada através de suas viagens por esse país com características multiculturais, demonstrando particularidades e tradições que diferem dentro do mesmo território, tão bem retratado em Niketche, Paulina Chiziane está de fato se inserindo em um movimento para que a sociedade moçambicana possa se estabelecer como uma coletividade histórica e que ainda tem muito para retratar sobre si mesma, já que durante muito tempo teve sua identidade renegada pelos processos devastadores trazidos pelo colonialismo e pela guerra civil.

O mais importante neste contexto, é o olhar de mulher e a sensibilidade trazida por uma voz que muitas vezes fora silenciada por todo processo descrito acima. Romper com esta estrutura e trazer à tona a condição feminina oportuniza que a mulher ocupe espaço na sociedade e contribua de fato para seu crescimento, em favor da equidade e igualdade de gênero.

Por fim, este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema, mas de perceber a importância de Paulina Chiziane não só para o contexto literário moçambicano, já que, a sua obra já transcendeu o contexto local, ganhando amplitude e discutindo questões que não são exclusivas de seu país natal, mas de um cenário global, que ainda persiste em existir em pleno século XXI. Esses tópicos já deveriam ter sido superados há muito tempo, a partir do momento que vivemos numa sociedade moderna e tecnológica, entretanto, arcaica em diversos aspectos que expõem a desigualdade de gênero, racial, sexual, entre outros.

### Referências

BOMFIM, Edcarlos. **O colonialismo português em Moçambique segundo Eduardo Mondlane**. Disponível em:

<https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/BOMFIM-Edcarlos-R..pdf>. Acesso: 31/10/2021

CÁ, Lourenço Ocuni. **Cultura escolar e os povos coloniais**: a questão dos assimilados nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). In: ETD – Educ. Tem. Dig., Campinas, v.13, n.1, p.207-224, jul./dez. 2011

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento**. Lisboa: Caminho, 1990.

CHIZIANE, Paulina. **“Eu, Mulher... Por uma Nova Visão do Mundo”**. In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e africana na UFF, vol. 5, nº 10, abril de 2013.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: Uma História de Poligamia**. Lisboa: Caminho, 2002.

COSTA, Eliane. **Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino**. Disponível em: <https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/download/465/365/>. Acesso: 23/10/2021

GONÇALVES, Juliana. **A escrita sagrada da romancista moçambicana Paulina Chiziane**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/21/a-escrita-sagrada-da-romancista-mocambicana-paulina-chiziane>. Acesso: 29/10/2021

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Colibri — Artes Gráficas, 1998.

MIRANDA, Maria Geralda de. **A África e o feminino em Paulina Chiziane**. In: Mulemba. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, pp. 62-70, jan/jul 2010.

PADILHA, Rosenilda Pereira e RODRIGUES, Raquel Terezinha. **Paulina Chiziane: presença, voz e símbolo feminino na literatura de Moçambique**. In: Interfaces, vol. 7 n.2 (dezembro 2016)

SOUSA, Livia Maria Costa. **Mulheres negras erguendo a voz**. In: Inventário: Revista dos estudantes de pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, nº28, agosto de 2021.